



AÍ EU FIQUEI SEM ESSE FILHO

CARLA BESSA

(Tira a galinha do congelador e põe no micro-ondas. Passa a água que tinha acabado de ferver na garrafa térmica, põe o porta-filtro sobre a boca da garrafa, põe o filtro no porta-filtro e o pó dentro, cinco colheres de sopa rasas)

Depois eu tive: meus filhos, eu tive: meus sete filhos, quer dizer: seis. Porque: esse que mataram eu nem nunca criei ele não. Eu só: cuidei dele no primeiro mês, aí o pai dele: roubou ele de mim, o pai: sequestrou o garoto.

(Deixa a água fervida escorrer devagar sobre o pó de café até encher o filtro. Para, espera até a água descer. O micro-ondas apita. Ela anda com a chaleira na mão e aperta o botão do micro-ondas que faz abrir a porta. Faz menção de tirar a galinha, mas desiste, pois só tem uma mão livre)

Ele me bateu. Eu tenho isso aqui no meu rosto, ó, meio quebrado: foi ele. Pois é, é por isso que eu tenho o rosto meio assim, meio: deformado, né, se você olhar bem.

(Põe mais água sobre o pó, para, espera)

Ele roubou meu filho, eu: dei queixa. Então: foi a mãe dele que ficou com o meu garoto. Ele e a mãe criaram o garoto, mas: não me deixavam visitar. Aí eu pus: na justiça de novo e: ganhei o direito de ver o meu filho. Eu: ganhei um direito que era meu.

(Recoloca a chaleira sobre a boca ainda acesa do fogão. Tira a bisnaga da cesta de pão, coloca sobre a mesa, junto com a manteiga Itambé e o queijo minas Frescal. A água ferve novamente. Põe mais água no pó de café)

A mãe dele: trazia. Uma vez ou outra. Depois o garoto foi: crescendo, crescendo. E puseram o menino pra trabalhar de vendedor ambulante. O garoto andava: sujo: imundo: fedorento: largado. Acabou: saindo do colégio, fugiu. Então eu: falei com a professora e ele pôde: ficar lá, estudando mais um tempo.



Aí fugiu. E passou um tempão fora e virou adulto e voltou com uma mulher e inventaram de morar lá perto de casa.

(Nota que a garrafa térmica está cheia. Tira o porta-filtros e põe dentro da pia. No meio do caminho, pinga café sobre o braço e “ai, merda!” Fecha a garrafa térmica e traz para a mesa. Abre de novo e me serve de café, pergunta “quer leite?”, eu digo, “quero”. Me serve de leite e se serve de café, leite e – ia pegar o açúcar, mas muda de ideia, balança a cabeça, decide-se pelo adoçante, Zero Cal.)

Mas, deixa eu: voltar pra trás um pouco. Na época que o pai pegou o garoto pra criar com a vó, eles: não deixavam eu visitar, né, não deixavam: nem falar comigo. E o dia que a gente se encontrava e ele falava comigo ou me dava a benção, aí ele: levava porrada. Só porque tinha falado comigo, porrada de adulto, eles: machucavam o garoto todinho.

(Passa manteiga na bisnaga que ainda está quente, a manteiga derrete um pouco, ela passa a ponta da língua na borda da bisnaga para evitar pingar manteiga na toalha da mesa. Dá uma mordida no pão que segura com a mão direita, a esquerda deixa em baixo em forma de concha para amparar eventuais pingos e migalhas. As migalhas ela joga na boca ainda aberta e mastiga e engole tudo. Come com apetite, dando goles largos no seu café com leite, que sopra entre uma coisa e outra)

Aí fugiu. E apareceu com essa mulher e inventou de morar lá perto de casa. Mas nisso só: andava em parada errada porque: a mulher que ele arrumou era dessas coisas, era: das drogas. Ele: caiu nessa bagunça aí. Eu só sei que a mulher, eu não sei o que houve lá, mas a mulher: arrumou uma tramoia com dois primos e uns colega dela e mandou: matar ele. Dentro de casa. Mataram ele em casa. Enquanto estava dormindo. Pegaram: uma pedra enorme assim, ó, e: jogaram em cima dele. Depois ainda deram: um monte de tiro por cima, os cara lá: mataram ele lá mesmo: dormindo em casa.

(Pousa a xícara no pires e o pão do ladinho. Limpa a boca com as costas da mão direita)

Aí eu fiquei sem esse filho.